

## **Sobre a bênção ao final do culto público**

Hughes Oliphant Old\*

Dar uma bênção ao final do culto de adoração é uma das tradições mais antigas da adoração bíblica. Na adoração do templo, esse era um dos pontos altos do culto. Quando o sacrifício tinha sido feito, o sumo-sacerdote levantaria suas mãos em bênção e pronunciara a bênção araônica:

O SENHOR te abençoe e te guarde;  
o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti;  
o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz.

Números 6.24-26

Essa forma de oração já era antiga quando Jesus ben Siraque menciona seu uso (Siraque 45.15), e era grandemente amada e um ponto alto da liturgia da sinagoga, mesmo nos dias de Jesus. Ali ela era usada como uma conclusão das orações das dezoito bênçãos.

Mesmo na sinagoga, recitar a bênção ainda era considerada uma prerrogativa dos descendentes do sacerdócio araônico. É interessante que de acordo com o Evangelho de Lucas, quando Jesus terminou seu ministério um pouco antes da sua ascensão, sua oração final pelos discípulos foi uma bênção. Ele conduziu seus discípulos para o Monte das Oliveiras e os abençoou, com suas mãos levantadas (Lucas 24.50).

Na adoração da igreja primitiva, havia evidentemente alguma forma de bênção ao final do culto, mas isso deve ter perdido gradualmente sua importância durante a Idade Média. Temos evidências disso em diferentes lugares, embora não pareça que algum texto em particular fosse usado. Visto que escrevi sobre a

---

\* O Dr. Hughes Oliphant Old é Professor John H. Leith de Teologia Reformada e Deão do *Institute for Reformed Worship*, no *Erskine Theological Seminary*, em Columbia, Carolina do Sul (EUA). Graduou-se no Seminário Teológico de Princeton (EUA) e estudou na Universidade de Tubinga (Alemanha), na Faculdade Teológica Protestante de Paris, no Instituto Católico de Paris e na Universidade de Basileia (Suíça). Completou o seu doutorado em teologia na Universidade de Neuchâtel (Suíça) e foi designado como membro do *Center of Theological Inquiry* em Princeton, Nova Jérquia (EUA). Seus 18 anos de ministério pastoral em duas igrejas, combinados com sua pesquisa metódica, possuem frutos evidentes na sua publicação prolífica.

bênção em detalhe em meu livro *The Patristic Roots of Reformed Worship* [As raízes patrísticas da adoração reformada], não entrarei em detalhe aqui; direi apenas que no tempo da Reforma a bênção restaurada tornou-se uma característica óbvia da adoração protestante.

Martinho Lutero foi responsável pela importância da bênção na adoração protestante. Ele sugeriu que Jesus usou a bênção arcaica quando abençoou os seus discípulos (Lucas 24.50). Para os estudiosos bíblicos contemporâneos, isso parece um pouco fantasioso, mas parece de fato ser o que Lucas pretende transmitir, e Lutero pode muito bem ter entendido o texto melhor que os exegetas de hoje. A despeito de como entendamos a passagem hoje, os outros reformadores ficaram convencidos da explicação de Lutero e viram uma certa pertinência teológica nela. Sem dúvida passou a fazer cada vez mais sentido à medida que eles começaram a entender sua adoração em termos da teologia do pacto.

Desde então tem sido o costume dos ministros protestantes concluir o culto levantando suas mãos e abençoando a congregação com a bênção arcaica. Gradualmente outras bênçãos bíblicas foram introduzidas. A bênção apostólica do final de 2 Coríntios é ouvida de vez em quando, bem como várias outras.

Em tempos mais recentes, alguns ministros substituíram a bênção por uma oração pedindo a bênção de Deus sobre a congregação porque a prática protestante clássica parecia contradizer sua teologia do ministério. Eles entenderam que Lutero deve ter esquecido temporariamente sua doutrina do sacerdócio de todos os crentes. Algumas igrejas têm ido mais longe, insistindo que alguém que não o ministro dê a bênção.

Embora isso se adeque bem mais à ideologia contemporânea do que com a antiga tradição, tal mentalidade perde de foco a importância teológica central da bênção como tem sido entendida na tradição protestante clássica. Quando uma das bênçãos bíblicas é usada, particularmente a bênção arcaica, então a bênção actual dos patriarcas, que Abraão passou a Isaque, e Isaque a Jacó, e Jacó aos seus descendentes, é passada à congregação, e assim de geração em geração. É a bênção que foi dada durante mil anos no templo, que Simeão deu ao bebê Jesus quando ele foi ao templo, e que Jesus por sua vez deu aos seus discípulos. É a bênção que até mesmo os gentios passaram a receber: “Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito

prometido” (Gálatas 3.14; cf. Efésios 1.3). Os reformadores entendiam a bênção não como uma oração de um cristão por outros cristãos, uma oração para que eles pudessem receber a bênção de Deus, mas antes como o conferir da bênção do pacto, a bênção que Deus deu a Abraão e que nós, como descendentes de Abraão pela fé, temos recebido por meio da fé.

Mas o que dizer sobre nossa teologia do ministério? Contradizemos nossa doutrina do sacerdócio de todos os crentes quando reservamos a um ministro o dar a bênção? Uma das coisas que percebemos nas várias histórias que encontramos na Bíblia sobre o dar uma bênção é que com muita frequência aqueles que davam a bênção eram particularmente chamados ou qualificados para essa tarefa. Isso é de maneira muito óbvia o caso da história de Balaão. Balaão foi especialmente chamado para dar aquela bênção. Ele na verdade não queria fazer isso, mas, como lemos no livro de Números, Deus o enviou para dar aquele oráculo profético de bênção ao povo de Deus e a ninguém mais. Deus tornou isso tão óbvio que até mesmo a jumenta de Balaão entendeu. Uma pessoa especial foi enviada com uma bênção especial e profética. Balaão, como o ministro da bênção, era responsável por entregar a bênção àqueles a quem Deus o tinha enviado e não a outros, um ato profundamente profético.

A Escritura deixa claro que o sacerdócio araônico deveria dar a bênção araônica no templo. Da forma como Lucas conta a história, há algo profético sobre a chegada de Simeão no templo no momento certo para abençoar o infante Jesus e assim entregar a mensagem que se cumpriria na vida dele. Foi para esse exato propósito que toda a sua vida foi vivida. Para Lucas pelo menos a bênção dada a Jesus quando ele entrou neste mundo deve ter sido a bênção que Jesus deu aos seus discípulos quando partiu deste mundo. Isso não é dito explicitamente no terceiro Evangelho, e Jesus não era um membro da tribo sacerdotal, mas ao longo de todo o Novo Testamento Jesus é o sumo-sacerdote do novo pacto e, portanto, aquele qualificado para transmitir a bênção. O fato de hoje ser um ministro do Evangelho quem deve dar a bênção faz perfeito sentido bíblico.

Essa prática também faz perfeito sentido teológico, pois de certas formas o ministro da Igreja do novo pacto sucede ao sacerdote, o ministro do antigo pacto. Para provar esse ponto os reformadores citaram o argumento de Paulo que, assim como o ministro do antigo pacto era pago, assim também o ministro do

novo pacto deveria receber apoio financeiro dos fieis (1Co 9.13-14). Na *Segunda Confissão Helvética* é afirmado que a Igreja do novo pacto tem um ministro distinto da Palavra e do sacramento, encarregado com a pregação do evangelho e a administração dos sacramentos. Todos os cristãos podem ser sacerdotes realizando o serviço do sacerdócio real, mas nem todos os cristãos são ministros da Palavra e do sacramento. É como um ministro da Palavra que os ministros do novo pacto pronunciam a bênção. Costumava ser um antigo costume presbiteriano que, na ordenação de um novo ministro, todo o culto era conduzido pelos outros ministros do presbitério. Após a oração e imposição de mãos, contudo, o recém ordenado ministro era conduzido ao púlpito pelos seus companheiros e pela primeira vez erguia suas mãos e dava a bênção. O significado teológico disso é mais do que claro.

Tem disso minha prática usar a bênção araônica na maioria das manhãs de domingo. Nas Vésperas de domingo uso a bênção de Filipenses 4.7: “A paz de Deus, que excede todo o entendimento...”. Nas manhãs de domingo do Natal ao Domingo de Ramos uso a bênção apostólica de 2 Coríntios. Do domingo de Páscoa a Pentecoste uso “Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!” (Hebreus 13.20-21). Para casamentos uso várias outras bênçãos, no culto de batismo uso uma bênção de Isaías 43.1b-3a para abençoar a criança recém batizada, e uso várias outras para outras ocasiões. Não há razão pela qual isso deva ser feito assim e não de outro jeito, assim como não há motivo para deixarmos de lado outras bênçãos bíblicas. Esse sistema, contudo, permite um uso pleno das palavras de bênção como encontradas na Escritura.

**Fonte:** Trecho do excelente livro *Leading in Prayer: A Workbook for Worship*

**Tradução:** Felipe Sabino de Araújo Neto (outubro/2015)